

Consumir é Pecado?

J. Roberto Whitaker Pentead

"Se não achar o que deseja no índice, procure cuidadosamente em todo o catálogo"- Sears, Roebuck, & Co., Guia do Consumidor, 1897

Está nas ruas mais uma edição da Revista da ESPM, da qual sou o editor; e que promovo, de vez em quando, neste espaço, quando acho que o assunto é pertinente. Desta vez, acho que é, até bastante. A pauta foi provocada pelo prof. Mario Renê Schweriner, diretor de um dos novos núcleos de ensino e pesquisa criados pela Escola: o de ciências do consumo - e acabou sendo proposta aos participantes de uma mesa de debates através da pergunta-título desta coluna.

Embora apenas os muito radicais tenham uma resposta afirmativa, a maioria das pessoas - pelo menos as que participam desses debates acadêmico-profissionais - tendem a concordar que o consumo "em excesso" é pecaminoso.

Mas o que é consumo em excesso? Ou ainda, focando o outro lado da questão: o que é consumo "responsável"? Peço ao leitor que me perdoe o cinismo, mas - como em muitos outros casos do difícil convívio social das diversidades - a maioria das pessoas que utilizam o termo tende a defini-lo egocentricamente: consumo responsável é o meu; irresponsável o dos outros...

Muito sensatamente, um dos debatedores observou que, na China - país líder entre os poluidores, na atualidade -, muito do que prejudica o meio-ambiente advem dos primeiros passos, verdadeira iniciação consumista de uma enorme massa de chineses que nunca teve acesso sequer à satisfação das necessidades básicas. Em que princípio moral nos apoiarmos, pergunta, para cercear o direito a consumir desses novos cidadãos. Mais prosaicamente: como dizer ao operário que acaba de adquirir um chuveiro elétrico que deve economizar água e eletricidade?

Há, nessa questão, até um enfoque religioso: no jardim do Edem, Deus concedeu a Adão e Eva o direito de consumir para a sua sobrevivência; da mesma forma que todos os demais seres que lhes faziam companhia. (Ainda que eu sempre tenha dúvidas, se os animais carnívoros eram, então, vegetarianos). Digamos, como o psicólogo Maslow, que isso significava satisfazer as necessidades básicas para a sobrevivência. Só que nossos ambiciosos arquaiavós não se conformaram: quiseram comer do fruto da árvore do bem e do mal, ou seja, subir - na escala social paradisíaca - da mera condição humana para equiparar-se à do Deus que os criara.

Como a busca do fogo, pelo grego Prometeu, trata-se de uma alegoria sobre o progresso - ou sobre o "progresso", com aspas. O consumo tem sido o principal elemento motivador para o trabalho, além da mera sobrevivência. E a ciência econômica - nascida muito mais tarde, mas que determinou muito da ética contemporânea da sobrevivência - cedo descobriu que os desejos e necessidades do ser humano eram matematicamente infinitos.

Então, consumir é pecado ou não é pecado? Descubra a resposta, adquirindo o seu exemplar da Revista da ESPM deste mês...

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=120&ID=397>>. **Acesso em: 30 jul. 2009.**